

A MELANCOLIA DE CECÍLIA

*Paulo Luiz Moreaux Lavigne Esteves**

RESUMO

O presente ensaio discute a presença do exotismo como estratégia de identificação nacional na obra *O Guarani*, de José de Alencar. Para tanto, retoma os *insights* críticos de Edward Said e Homi Bhabha, de maneira a situar a formação discursiva característica do Brasil oitocentista em uma perspectiva pós-colonial.

Este ensaio pretende retomar a questão do exotismo, desde uma perspectiva pós-colonial, como estratégia de identificação nacional presente na literatura brasileira oitocentista, mais especificamente n’*O Guarani* de José de Alencar. De fato, a obra de Alencar inscreve-se no conjunto de iniciativas de construção nacional produzidas pela corte letrada brasileira no século XIX.¹ Tais iniciativas são marcadas pela relação mutuamente constitutiva entre poder e conhecimento (Foucault, 1980) no interior da qual o Brasil e os brasileiros são discursivamente gestados. Como gesta, *O Guarani* é informado por uma “vontade de saber” que se manifesta como exercício de poder (*idem, ibidem*). Outrossim, a gesta coloniza a história: através dela produz-se um fio linear que desdobra a nação no tempo desde sua origem até a projeção de um futuro alvissareiro.

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

¹ Na América Latina, de acordo com Angel Rama, a cidade teve um papel decisivo na montagem do sistema colonial, ordenando e hierarquizando as relações sociais na colônia. A especificidade desta cidade residiria na prioridade da ordem dos signos sobre a ordem das coisas, daí seu caráter dúplice, onde cidade letrada e cidade física opõem-se. A ação da cidade letrada, afirma o autor, “se cumpriu na ordem prioritária dos signos porque sua qualidade sacerdotal implícita contribuiu para dotá-la de um aspecto sagrado, liberando-a de qualquer servidão para com as circunstâncias” (Rama, 1985, p. 41). Desde a época colonial, a cidade letrada teria acumulado as tarefas administrativas e sacerdotais, outorgando-se uma missão civilizadora na qual “é capaz de conceber, como pura especulação, a cidade ideal, projetá-la antes de sua existência, conservá-la além de sua execução material, fazê-la sobreviver inclusive em luta com as modificações sensíveis que introduz incessantemente o homem comum” (Rama, 1985, p. 53).

A respeito da relação entre a cidade letrada e as estratégias de construção nacional no Brasil oitocentista, veja-se: Esteves, 1998.

N’O **Guarani**, o gesto nacional encontra no índio Peri a marca da origem e a figura de um futuro heróico e monumental. Peri, o “rei da selva”, é o herói do romance alencariano e, metonimicamente, o herói nacional. Peri é apresentado ao leitor numa cena em que duela com uma onça. O cenário todo iluminado ressalta o contorno apolíneo do herói, ao passo que estabelece o contraste entre o selvagem que caminha sob a luz – Peri – e aqueles que espreitam nas sombras – a onça e os aimorés. Peri produz o amálgama entre natureza e cultura. Com efeito, o herói habita e governa o mundo natural e, no entanto, sua estatura lhe é outorgada pela posse de virtudes atestadas em cada um dos episódios em que sua coragem, lealdade, inteligência e força são colocadas à prova. O percurso de Peri o conduz da selva ao solar. Ao ser apresentado ao leitor, a túnica de algodão atada pela faixa de penas escarlates, que então cobria seu corpo, revela ao mesmo tempo contatos anteriores com o branco e o sinal de sua origem fixado na faixa que lhe fora presenteada por sua mãe. Durante a sucessão de provas a que é submetido, Peri abandonará o escarlante a bem do azul – a cor do solar – e irá somar, ao arco e à flexa, a clavina e as pistolas portuguesas.

Alfredo Bosi (1992) descreveu este processo em termos de um mito sacrificial, cujo ponto culminante seria a conversão de Peri à religião católica: “O índio caiu aos pés do velho cavalheiro, que lhe impôs as mãos sobre a cabeça. Sê cristão! Dou-te o meu nome! (Alencar, 1996, p. 185)”. Para Bosi, Alencar “oscilaria entre um romantismo selvagem, pré-social, que define o homem como um simples comparsa dos dramas majestosos dos elementos, e sua perspectiva histórica, mais coerente e assídua, pela qual a natureza brasileira é posta a serviço do nobre conquistador” (Bosi, 1992, p. 187). De acordo com o autor, a associação entre o mito sacrificial e o esquema feudalizante armado em torno do solar de Dom Antônio Mariz terminaria por resolver o dilema de Alencar em favor do romantismo pré-social, onde “o primitivo natural é ainda mais remoto, mais puro, logo mais romântico que a simples evocação dos tempos antigos” (Bosi, 1992, p. 193). Onde Bosi aponta a fraqueza da construção alencariana, talvez resida, no entanto, sua maior produtividade; afinal, é na relação entre natureza e civilização que se encontra todo o exotismo a que recorre Alencar em seu romance de fundação.

Com efeito, o sacrifício inscrito na progressiva adesão de Peri à ordem do solar e, especialmente, na cena paroxística da conversão, revela o exotismo que se encontra na base da narrativa d’O **Guarani**. Peri e D. Antônio Mariz ocupam posições contíguas: Peri é o “rei da selva”, ao passo que Mariz é o senhor do solar construído segundo os ditames da natureza. Ocorre que D. Antônio não apenas é português, como é fidelíssimo à coroa, logo, não se presta ao papel de fundador da nacionalidade; ao passo que Peri, embora fosse autenticamente americano, não possuía os atributos da civilização. A resposta exótica constrói-se no momento em que o índio é elevado à posição de fundador da nacionalidade, sob a paradoxal condição de despir-

se de sua identidade americana. Diante da tarefa de edificação da nação cabe a Pericimizar o laço entre natureza e cultura, estabelecido pelo fidalgo português. A conversão transforma o americano em brasileiro; nela encontra-se a gênese da nacionalidade. Enquanto gênese, a conversão de Peri encontra-se fora da história e, no entanto, determina seu vir-a-ser. Neste sentido, o incêndio do solar logo após a conversão talvez marque a passagem do mito à história, mas uma história destinada a repetir e eternizar a ordem geneticamente constituída. Assim, pode-se dizer que Alencar desenha a gênese da nacionalidade atribuindo à história um caráter natural e providencial. Segundo essa concepção genética e providencialista, a própria nação se encontrava ao abrigo da ação humana.

Os personagens e as ações presentes n'O **Guarani** são governados por uma única e mesma visão de mundo. Há um claro centro semântico que identifica a natureza à nação e seu ordenamento político. Há n'O **Guarani** um discurso e o programa político para a jovem nação brasileira; daí seu caráter pedagógico (cf. Bhabha, 1990). Vazado por esta retórica nacionalista, por um lado, é possível, identificá-lhe uma estrutura tropológica própria: 1) n'O **Guarani**, a nação é tomada como um ente natural cujo traço identificatório é encontrado no próprio mundo natural – especialmente no seu representante maior, o selvagem. A simples identificação naturalizada da nação e desta com o mundo natural não é capaz, como se viu, de fazer imbricar ser e devir. Nesse sentido, sobre esse primeiro tropo incide um segundo, que aqui se denominará tropo exótico: 2) n'O **Guarani**, o mundo natural – leia-se o selvagem – representa a nação sob a condição paradoxal de seu próprio sacrifício. Por outro lado, é possível perceber que a intervenção da retórica nacionalista preside a elaboração do próprio enredo d'O **Guarani**. Organizados segundo uma concepção genética, os eventos narrados são convertidos em emanções do “ente” nacional, inscritas em seu *fiat*. Com efeito, é esta concepção que permite abotoar, de maneira não problemática, o referido trópico ao momento da gênese: o exotismo é, por assim dizer, natural.

Desenha-se, assim, um J. de Alencar que adota rigorosamente os procedimentos exotistas que, segundo Said fundaram o oriente, e, em nosso caso, as paisagens americanas:

O Oriente é olhado, posto que o seu comportamento quase (mas nunca totalmente) ofensivo tem origem em um reservatório de infinita peculiaridade; o europeu cuja sensibilidade passeia pelo Oriente é um observador; nunca envolvido, sempre afastado, sempre pronto para novos exemplos daquilo que a Description de l'Égypte (enciclopédia napoleônica sobre o Egito) chamou de 'byzarre jouissance'. O Oriente torna-se um quadro vivo de estranheza. (Said, 1990, p. 112)

Esse quadro vivo de estranheza é fonte de angústia subjetiva,² de ameaça ao ego; diante dela, abrem-se dois caminhos: a auto-reflexão ou o exotismo. Armado da língua herdada e dos sentimentos de “compaixão” e “piedade tardia”, não interessa ao observador, sempre partícipe de missões civilizadoras, recuperar aquilo que no passado havia sido violado e olvidado; não interessa ir de encontro ao estranho indígena, nem tampouco estabelecer com a natureza uma relação que pudesse sugerir destinos insuspeitados. Em uma palavra, não lhe interessa o movimento de auto-reflexão, produzido com a exploração do estranho enquanto tal, mas apenas e, tão somente, obturar a angústia através de atitudes textuais “familiarizantes”.

A estratégia discursiva presente no romance de Alencar é complexa. O autor parece incorporar a atitude colonial característica do discurso ocidental, desde a perspectiva da colônia.³ Mais que um artilheiro ideológico, ou exemplo do caráter naïve de seu autor, *O Guarani* encontra-se situado no interior de uma formação discursiva que busca constituir um sujeito, o brasileiro, como um objeto de conhecimento. Peri é a inscrição original do poder, fundamento de um projeto de re-colonização do Brasil, com vistas à produção de um amálgama nacional.

Há contudo, no epílogo de *O Guarani*, logo após o incêndio do solar, um evento que se destaca na linearidade de seu enredo. Cecília diante de um Peri exaustivo e em meio ao silêncio tagarela da selva tomada por uma profunda tristeza deve desenhar o seu futuro, logo, o de Peri. A tristeza de Cecília revela-se acedia. Como decidir acerca de seu destino e o do herói?

Peri que durante um ano não fora para ela senão um amigo dedicado, aparecia-lhe de repente como um herói; no seio de sua família estimava-o, no meio da solidão admirava-o. Como os quadros dos grandes pintores que precisam de luz, de um fundo brilhante, e de uma moldura simples, para mostrarem a perfeição de seu colorido e a pureza de suas linhas, o selvagem precisava do deserto para revelar-se em todo o esplendor de sua beleza primitiva. No meio de homens civilizados, era um índio ignorante, nascido de uma raça bárbara, a quem a civilização repelia, e marcava o lugar de cativo. Embora para Cecília e D. Antônio fosse um amigo, era apenas um amigo

² Em “O Estranho”, Freud trata da experiência de estranhamento, procurando demonstrar que a angústia produzida em tais situações não se deve ao encontro com o desconhecido. Antes, trata-se da atualização de complexos e crenças recalçados. Portanto, a experiência do estranhamento funda-se no contato com aquilo que é mais familiar ao sujeito. Para o tratamento psicanalítico do exotismo enquanto resposta à experiência de estranhamento, no que concerne aos processos de identificação, veja-se Octavio Souza (1994).

³ Segundo Said, o orientalismo é sustentado por três características da formação cultural ocidental. Em primeiro lugar, orientalismo refere-se primariamente às representações das populações do oriente que circulam no ocidente desde a época clássica quando são estabelecidos os padrões e os tropos que fundamentam a produção de conhecimento acerca do oriente. Em segundo, o termo orientalismo refere-se ao estilo no qual tais tropos são concebidos e apresentados. Em terceiro, refere-se ao sistema de pesquisa e ao conjunto de instituições culturais que produzem, desenvolvem e fazem circular estas representações. Em suma, o orientalismo opera a serviço da hegemonia do ocidente sobre o oriente ao produzir discursivamente o oriente como inferior, reforçando a auto-imagem da superioridade do projeto civilizador ocidental (Said, 1990) A respeito da obra de Edward Said, veja-se Moore-Gilbert (1997).

escravo. Aqui, porém todas as distinções desapareciam; o filho das matas, voltando ao seio de sua mãe recobrava a liberdade; era o rei do deserto, o senhor das florestas, dominado pelo direito da força e da coragem. (Alencar, 1996, p. 192)

Refletir sobre a melancolia de Cecília implica na retomada do tropo exótico e de seus impasses. De fato, se o tropo exótico estabelece uma forma discursiva de relacionamento entre colonizador e colonizado, como abordar esse momento de acedia? Em *The other question* (1994), Bhabha retoma a obra de Said e denuncia a unidirecionalidade de seu argumento. Segundo o autor, ao afirmar a intencionalidade do conhecimento colonial como vontade de poder, Said termina por re-estabelecer a divisão entre colonizador e colonizado, entre oriente e ocidente. Bhabha pretende investigar as mutualidades e relações entre estes pólos. De fato, para o autor, tais relações assentam-se sobre *psychic affects* contraditórios (desejo ou medo do outro), conformando um cenário de múltiplas e variadas formas de crença. Dessa forma, as relações coloniais revelam uma esfera psíquica instável, cujo melhor resultado é a produção intensiva de toda sorte de estereótipos. Ao contrário de Said, que aponta a inautenticidade das representações coloniais, Bhabha não encontra na estereotipia colonial uma evidência do poder disciplinar do colonizador, ou a segurança de sua auto-imagem; ao contrário, para o autor os estereótipos revelam uma economia de afetos na qual a identidade do colonizador é fraturada e desestabilizada pela presença do outro colonizado. Bhabha associa o estereótipo colonial ao fetichismo, em um sentido freudiano. O estereótipo possui não apenas a mesma estrutura metonímica do fetichismo – substituição do objeto real –, mas sobretudo é um meio de expressão e contenção de sentimentos e atitudes conflituosos.⁴ Para Bhabha, o discurso colonial não é de forma alguma consistente e monológico como quer o Orientalismo de Said. Trata-se de um discurso ambivalente, onde o sujeito colonizado é, a um só tempo, objeto cognitivamente informado e sujeito auto-constituído.

A melancolia de Cecília é o lugar da fala subalterna. O que aqui se propõe é a leitura d'O Guarani, a partir da acedia da moça. Nem herói, nem tampouco escravo, Peri enquanto inscrição original do poder é a matriz da subjetividade colonizada. Enquanto tal, possui uma dimensão intransitiva e outra transitiva. No primeiro caso, apresenta-se como resistência ao discurso colonial que prevê a construção do colonizado como seu outro. No segundo, institui-se através de uma atividade mimética como duplo deste discurso: através de uma estratégia de reversão do processo de dominação, na qual o nativo coloca em questão os fundamentos das narrativas e textos da cultura ocidental interpretando-os de forma diversa àquelas propostas em seu contexto original, traduzindo-os segundo propósitos não prescritos ou

⁴ Nos termos de Bhabha, o fetichismo é sempre um jogo entre a afirmação arcaica da totalidade ou similaridade e a ansiedade associada com sua queda e a emergência como diferença. (*The other Question*, p.74 – Location of culture)

previstos pelo colonizador. A estratégia mimética permite a construção de um espaço no qual é possível, sob o revérbero do exotismo, ouvir a voz do subalterno. Neste espaço identidades são negociadas, uma vez que a estratégia mimética pode significar, por um lado, a recusa de reconhecimento da identidade que o colonizador pretende construir para si, e por outro, uma rasura na própria identidade nativa. Este espaço *in-between* é impermeável às essências (ao discurso da origem) e aos estereótipos (à gesta heróica) que produziria a subjetividade nacional. A melancolia de Cecília é o locus de enunciação dialógica da nacionalidade.

Cecília melancólica quebra a linearidade do enredo, suspendendo seus fundamentos genéticos. Desta forma coloca-se em diálogo com o próprio centro semântico do enredo, no momento em que tem de transformá-lo em matéria de reflexão e decisão. Não por acaso, a acedia desconstrói a estrutura onto-genética do enredo e suas implicações. Lido pelas lentes de Cecília, o exotismo revela-se mimetismo ativo, proporcionando a Peri um espaço de enunciação que, embora constituído pelos estereótipos herói – condenado à selva – ou escravo – no interior de civilização –, a estes não pode ser reduzido.

ABSTRACT

This current essay argue about the exoticism presence as a strategy of national identification in Jose de Alencar's *O Guarani*. For that, it retakes the critical insights from Edward Said and Homi Bhabha as well in a way to point out the discursive formation trait of Brazil in the 19th century in an post-colonial approach.

Referências bibliográficas

- ALENCAR, José de. *O Guarani*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- BHABHA, Homi. *The location of culture*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BOSI, Alfredo. *A dialética da colonização*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- ESTEVES, Paulo Luiz Moreaux Lavigne. Paisagem em Ruínas: exotismo e identidade nacional no Brasil oitocentista. *Dados – Revista de Ciências Sociais*. v. 13, n. 36, 1998.
- FOUCAULT, Michel. Truth and Power. in: *Power and knowledge*. New York: Pantheon Books, 1980.
- MOORE-GILBERT, Bart. *Postcolonial theory*. Londres: Verso, 1997.
- RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SAID, Edward. *Orientalismo – o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.